

O relicário de Irene

Martina Ahlert*

Resumo: Este artigo é sobre Irene, sua história de vida e sua casa em um loteamento popular da cidade de Porto Alegre. As visitas à casa de Irene são tomadas enquanto evento e os símbolos lá encontrados como registros de seu passado e indicativos de planos para o futuro. O artigo pensa algumas tensões entre as experiências dos sujeitos e nossas tentativas de generalizar as experiências encontradas em campo. Assim como explora a descrição da casa apontando para os engajamentos políticos presentes no espaço doméstico. Neste sentido, busca mostrar como a participação política de Irene se vinculava a sua experiência de residência no Loteamento Monte Verde.

Palavras-chave: casa, grupos populares, política.

Abstract: This article is about Irene, her life history and her home in a popular housing development in Porto Alegre. The visits to Irene's home are considered an event and the symbols founded there are considered evidences of her past and her plans for the future. The article thinks some tensions between people experiences and our attempts to generalize the experiences found in field. As it explores the description of the house pointing to Irene's engagement in policy, that is present in the domestic space. So, it intends to show how her political involvement is linked to her experience of living in Monte Verde housing development.

Key-words: home, popular groups, policy.

* Doutoranda – Universidade de Brasília (UnB). E-mail: mah_poa@yahoo.com.br.

Chegando à casa de Irene – introdução

O importante não é a casa onde moramos.
Mas onde, em nós, a casa mora.
(Avô Mariano *in* Couto, Mia. 2003).

As cidades se desenham a partir de diferentes movimentos. Alguns destes movimentos são parte da ação estatal que reafirma ou questiona estereótipos e preconceitos baseados em disposições espaciais. Na região nordeste da cidade de Porto Alegre, especialmente a partir do início dos anos oitenta, uma grande região foi transformada em um canteiro de obras. Prédios e casas foram construídos pela iniciativa governamental para se destinarem à habitação de interesse social. Algumas destas residências foram resultado de luta pela moradia e, portanto, criadas a partir da mobilização popular. Outras, contudo, são áreas ocupadas por pessoas “removidas” de partes da cidade – especialmente das regiões mais valorizadas – e, acredito que se possa dizer, resultado histórico de processos de higienização e preconceito que marcaram a constituição de diversas cidades brasileiras. Nesta mesma região da cidade a construção de loteamentos populares percorre os anos noventa, chegando ao ano atual, quando toda uma 'vila' é deslocada para o local, por causa das obras relacionadas à Copa do Mundo de 2014.¹

Este texto trata da visita a uma das casas populares construídas pelo Departamento Municipal de Habitação (Demhab) em um loteamento nesta região de Porto Alegre. Distante 18 quilômetros do centro da cidade, o Loteamento Monte Verde² foi constituído, basicamente, por dois grupos de pessoas: por um lado, aquelas que esperavam a distribuição de habitações populares por parte do poder público e, por outro lado, por aquelas 'removidas' involuntariamente de outros espaços da cidade. Desejo pensar aqui sobre as formas de viver, lembrando como Irene – minha interlocutora de pesquisa – vivia a experiência da sua casa. Irene tinha trinta e dois anos, era magra, negra, sorriso grande e cabelo curto. Era mãe de Amanda, com treze anos, estudante do oitavo ano do ensino fundamental. Em dezembro de 2004, quando nos conhecemos, as duas moravam juntas em uma das casas do Loteamento Monte Verde³.

O Loteamento Monte Verde passou a ser construído a partir do ano de 1996, tendo 708 casas e 524 lotes, onde residiam cerca de 8.000 pessoas (AMORIM,

¹ Porto Alegre é uma das cidades que recebe jogos da Copa do Mundo de Futebol FIFA. Por isto, estão sendo realizadas diversas obras de urbanização.

² Neste artigo mantenho o nome do Loteamento e o nome das interlocutoras de pesquisa alterado, baseando-me nas decisões que tomamos juntas na escrita da dissertação.

³ Conheci o Loteamento por intermédio de uma pesquisa de Iniciação Científica (CNPq) durante a graduação, no final de 2004. Continuei realizando trabalho de campo no local até o mês de julho de 2007. Este material foi base da minha dissertação de mestrado (AHLERT, 2008).

2005). A construção de casas se realizou em diferentes fases e dividia o Loteamento, informalmente em Monte Verde I, II e III. Na parte que correspondia ao Monte Verde III, última parte distribuída, não havia casas, apenas lotes de terra. Uma área verde que beirava o Loteamento passou a ser ocupada, 'irregularmente' por novos moradores que construía suas casas e demarcavam seus terrenos por conta própria. Esta nova ocupação era chamada de Monte Verde IV e seus moradores eram, muitas vezes, familiares das pessoas que moravam na parte 'oficial' do Loteamento.

O ritmo das obras no local sempre fora constante: as ruas foram asfaltadas, o espaço recebeu uma linha de ônibus, rede de saneamento, um posto de saúde, uma escola e serviços da política de Assistência Social do município. Ainda, por incentivo governamental, o Loteamento foi local de primeiras experiências de políticas públicas e programas de governo⁴. Neste sentido, em 2003, foi instalado no local o primeiro núcleo do Programa Fome Zero na cidade de Porto Alegre. O Programa havia sido recém lançado no âmbito federal pelo Partido dos Trabalhadores, logo após a eleição para o primeiro mandato de Luís Inácio Lula da Silva⁵. Semelhante a outros núcleos da cidade⁶, o Núcleo Monte Verde era formado por moradores que se reuniam semanalmente na Capela da Igreja Católica. Nestes encontros organizavam a distribuição mensal de cestas básicas, as oficinas de artesanato e o trabalho na horta comunitária. Irene era uma das coordenadoras do Núcleo e foi onde a conheci.

No período em que fiz trabalho de campo no Loteamento Monte Verde visitei algumas vezes a casa de Irene, assim como as casas de outras coordenadoras do Núcleo. Estas visitas, agora, são tomadas como um evento. A intenção é pensar Irene e sua casa e a partir dela, as suas experiências em conexão àquele espaço físico. A iconografia da casa é entrelaçada às falas⁷ de Irene sobre si mesma e sua história de vida, de maneira que os signos encontrados possam ser pensados em sua dimensão pragmática⁸ (CRAPANZANO, 1980; 1992). Se tenho as visitas como

⁴ As obras, no local, foram mais intensas durante a gestão do Partido dos Trabalhadores. A partir de 2005 inicia a gestão do Partido Popular Socialista, deste período é a construção de um centro de educação infantil e o projeto que visava substituir as casas de madeira por casa de alvenaria para as pessoas que receberam lotes.

⁵ O Programa Fome Zero, enquanto estratégia de governo, surge em janeiro de 2003. Em Porto Alegre o Programa passa a existir a partir de abril do mesmo ano (segundo dados disponíveis no site www.portoalegre.rs.gov.br).

⁶ Porto Alegre chegou a ter trinta e dois núcleos do Programa Fome Zero, em diferentes partes da cidade.

⁷ As falas de Irene devem ser pensadas em relação ao contexto no qual são expressas (SILVERSTEIN, 1997), no entendimento de que não são meramente referenciais ou reprodução do seu pensamento (MALINOWSKI, 1930).

⁸ "There is, of course, no way that we can know, except perhaps through an empathetic leap, how the symbols are appreciated within the conscious life of another individual. We *can* learn how an individual uses the symbols in his portrayal of reality. This distinction is important. We can know, in other words, the

foco deste texto, opero aqui uma ficção, no sentido de descrever todas as visitas como se fossem uma só. Acredito na possibilidade desta operação porque as visitas tiveram elementos em comum e, mesmo, uma sequência em comum de acontecimentos (entrar, sentar, Irene comentar com tristeza não ter nada para me oferecer, conversarmos...). O texto tem duas partes, a primeira delas (Relicário) conta sobre Irene e sua casa. A segunda parte (Paraíso) é sobre o Loteamento. Termino o texto com algumas considerações sobre política e as dificuldades da escrita etnográfica.

Parte I - Relicário

Eu estava a caminho da casa de Daniela que ficava no Monte Verde IV, região também conhecida como *"Invasão"*. Para chegar ao local eu tinha saído da Capela da Igreja Católica, que fica em uma região elevada do Loteamento e descia por uma das principais ruas, aquela que – no entendimento dos moradores – separa o Monte Verde II do Monte Verde III. Era esta rua que dava acesso à região dos lotes. Ela possuía um movimento contínuo porque comportava estabelecimentos comerciais, como pequenos mercados, bares e lojas de material de construção. Uma das suas laterais – a que pertencia ao Monte Verde II – era formada por casas de fachada idêntica. As mudanças normalmente eram feitas na parte dos fundos das casas, em melhorias como o aumento das 'peças'. Nesta rua moravam algumas das coordenadoras do Núcleo do Fome Zero, uma delas era Irene.

No momento em que passava pela rua, Irene estendia uma peça de roupa no varal. Ela me viu e me cumprimentou: *"Essa aqui é minha casa. Quando quiser chegar"*. Eu aceitei o convite e abri o portão de madeira. *"Dar uma chegadinha"* era um convite no Monte Verde, realizado assim mesmo, sem formalidades. Ao me convidar para entrar, Irene me tornava apta a acessar um universo que antes eu não compartilhava. Assim marcava uma separação entre aqueles que entravam na sua casa e os que permaneciam fora dela. Ingressar na casa de Irene era como ingressar em determinando momento da sua história de vida. Por isso, trato a visita como um momento especial, que remete a elementos *"sagrados"*. Esta sacralidade estava ligada a casa enquanto existência física, aos seres sagrados e às histórias que nela habitavam. Operando as visitas a casa enquanto um evento, elas devem ser entendidas como uma relação triádica, entre Irene, eu mesma e a sua história/sua casa. A descrição dos elementos da casa e das falas de Irene é uma descrição não apenas lida pelo meu olhar neste momento da escrita, mas elaborada, por Irene, a partir de minha presença no local⁹.

rhetoric of symbols, but we cannot know, except hypothetically, how symbols are experienced" (CRAPANZANO, 1980, p. xi).

⁹ Durante a escrita do texto buscarei apontar como estou implicada nesse evento que é a visita à casa de Irene. De forma que suas falas também eram pensadas em relação a mim, sua ouvinte. Estes pressupostos são provocações de Daniel (1996) e

As casas desta parte do Loteamento eram formadas por um cômodo de 2,70 x 5,40m. e possuíam um pequeno banheiro. Localizavam-se no meio do terreno, fazendo com que tivesse pátio na parte da frente e de trás da casa. Irene tinha plantas no jardim e pintou a fachada de verde claro. Chamava estas mudanças de “... pequenas revoluções aqui em casa”. As “revoluções” aconteciam quando ela arrumava algo ou trocava algum móvel de lugar. Penso que o caráter de mudança tinha haver com particularizar as casas padronizadas e Irene não era a única a fazer isto naquele espaço. Contudo, a casa de Irene tinha uma apreciação e cuidado com a beleza (ou a estética) como eu nunca tinha visto no Loteamento.

Como eu dizia acima, aceitei o convite e prestei atenção às *revoluções*, tentando registrar a maior quantidade de impressões e informações que o espaço me trazia. Quando entramos noto que Irene tinha saído do banho - o chão de concreto do banheiro, igual ao piso do resto da casa - estava molhado. Irene convidou para sentar e indicou uma poltrona cheia de almofadas feitas por ela mesma. Antes da conversa, lamenta “*não ter nada pra oferecer*” – ou seja, nada para bebermos ou comermos durante a conversa. No Loteamento, quando se entrava na casa de alguém, era comum que se servisse algo para comer ou beber. Era componente importante da visita e faz pensar sobre a abundância e sobre a falta de recursos materiais (SITAS, 2002).

A casa de Irene era de alvenaria, as paredes em tom de cinza por causa do reboco grosseiro davam um ar de escuridão mesmo durante o dia, apesar das duas janelas estarem abertas. Diferente de outras casas do Loteamento, a de Irene não tinha algumas melhorias como azulejos no banheiro e reforma nas instalações elétricas. Mesmo tentando não encaixar Irene em explicações simplistas tipo 'causa e efeito', é provável que sua casa não tivesse alguns investimentos porque Irene nunca tinha se casado e não possuía família consanguínea residindo no local. Nas outras casas que conheci durante a pesquisa de campo, eram os maridos e os homens da família consanguínea que realizavam as obras nas casas. Eles dominavam o conhecimento necessário para o ofício, visto muitos trabalharem com construção civil e serviços gerais.

Se as obras não podiam ser feitas, Irene particularizava aquele ambiente com um investimento na beleza da casa. Do lado direito da porta de entrada estava uma cama onde ela e a filha dormiam. Do outro lado ficava uma velha mesa de madeira que segurava o tampão vermelho da pia. Ao lado da janela estava uma pequena estante de madeira, pintada de azul, onde ficavam documentos, papéis diversos e os livros de literatura juvenil. Na parede, sobre a estante, um pequeno mural de fotos de Amanda criança, do batizado, dos irmãos de Irene. Ao seu lado, um quadro de 'Nossa Senhora' e embaixo da imagem, presas na moldura, estavam duas fotos do pai de sua filha. Ainda preso à parede havia um calendário e um vaso de flores artificiais, uma cortina de renda branca e outra colorida, feita de tampas de refrigerante. O aprumo da casa me deixava impressionada, a beleza era valor e desejo incontestável¹⁰. Em uma casa padronizada e de apenas um cômodo,

Crapanzano (1980, 1992, 1994).

¹⁰ A casa de Irene, nessa apropriação, se coloca diante dos sentidos como um

eram os objetos e as práticas– enquanto ícones e índices (a água no chão do banheiro, por exemplo) ¹¹ (Peirce, 1983; 1995) – que particularizavam, indicando os espaços em que cada atividade era realizada.

Como pretendo investir, neste texto, em pensar a experiência de Irene com sua casa no Loteamento Monte Verde, gostaria de descrever um pouco mais sobre os elementos visíveis – os símbolos e signos – e como apareciam em falas de Irene nos momentos de visita à sua casa. Neste sentido, comento aqui especialmente sobre dois deles: as fotos na parede e os móveis.

Fotos e móveis

-“É que os anjos não gostam de bagunça, por isso eu coloco as florezinhas. As fotos é porque é importante ver a família” - dizia Irene quando conversávamos sobre os detalhes de arrumação da casa. Na parede havia fotos de Irene, de seus irmãos, da filha quando estava mais nova, do pai de Amanda. Irene teve nove irmãos. Os dois que estavam na foto do batizado de Amanda eram seus padrinhos. A irmã mais velha ela considerava sua própria mãe, tinha a “criado”. Foi com ela que aprendeu sobre as tarefas femininas no ambiente doméstico, sobre limpeza, sobre as características de uma mulher trabalhadora: “A minha irmã fazia tudo, eu aprendi isso com ela”.

Pegou a foto do batizado na mão e me mostrou seu irmão mais velho, dizendo que estava desaparecido: “Eu só espero que ele não esteja morto. Ele nunca ficou tanto tempo assim sem dar notícias. Mora lá pras fronteiras, pra lá acontecem essas coisas de mandar matar. E ele tinha colocado o patrão dele na justiça”. De maneira semelhante, Irene não tinha notícias de vários de seus irmãos por períodos prolongados de tempo. Feliz me contou da visita de um deles, que morava em outro bairro de Porto Alegre. Ele trouxera boas notícias, a irmã que mora em Santa Catarina estava chegando para uma visita.

Havia ainda as duas fotos do pai de Amanda. Ele e Irene nunca foram casados. Olhando para a foto, dizia: “Eu sei que se eu começar a sair eu posso me apaixonar, mas eu ainda gosto, sempre fico esperando ele. Pode até ser que ele está com outra. Mas, quando tu perde a esperança tu não vai ter nada...”. Narrava com empolgação as histórias de quando estiveram juntos, do quanto eram amigos, das

elemento de primeiridade. Ela impõe qualidades e sentimentos de maneira imediata. Essas qualidades não são inerentes aos objetos e também não se colocam como leis – ou de maneira idêntica - sobre os sujeitos (PEIRCE, 1983; 1995).

¹¹ Índice e ícones, para Peirce (1983), são tipos de signos: sobre o ícone afirma “Se o signo for um ícone um escolástico poderia dizer que a ‘species’ do Objeto que dele emana materializou-se no Ícone. Se o signo for um índice, podemos considerá-lo como um fragmento extraído do Objeto, constituindo os dois, em sua Existência, um todo ou uma parte desse todo” (PEIRCE, 1983, p. 47).

brigas com outras mulheres. Não tinha mais notícias dele fazia quatro anos, apenas sabia que estava vivo pelo pagamento da pensão para Amanda (na época a pensão era a única fonte de renda de Irene e era de 75 reais).

Irene achava a presença do pai muito importante para Amanda, por isso colocava suas fotos pela casa. Para ela, “... criança tem que ter pai e mãe do lado. Eu acho que é primordial. Eu sei que, por mais que a Amanda diga que não está nem aí pro pai dela, lá no fundo, no fundo, ela sente falta dele. Eu fui criada sem minha mãe, só pelo meu pai, e pela minha irmã mais velha que cuidou de mim, mas eu senti falta da minha mãe”. As fotos eram de pessoas importantes que marcaram a vida de Irene e Amanda. Essa importância as colocava entre os santos e as flores, dispostas como relicário, na parede de concreto.

As pessoas das fotos não eram convívios cotidianos na vida da minha interlocutora. Algumas delas, como os irmãos de Irene que moravam mais distante, não eram vistos por ela fazia muitos anos. Mesmo seu irmão que morava na cidade de Porto Alegre não era uma presença constante na sua vida. Isto não se tratava de falta de desejo de convívio, mas do custo de circular dentro da cidade (do centro ao Loteamento eram dois ônibus e há de se pensar no gasto com as passagens). As condições materiais não permitiam visitas constantes e nem mesmo a manutenção de mesmo número de telefone por muito tempo. Irene, como a maioria dos moradores do Loteamento, tinha migrado das cidades do interior para a capital e tinha se afastado de pessoas da família. Apesar disso, era muito importante ter as pessoas por perto, era importante lembrar. Funcionando como “ícones”¹² as fotos materializavam a presença da família na casa.

Os móveis da casa de Irene tinham sido adquiridos de diversas formas, mas, muitos deles foram recebidos da Caritas, uma instituição da Igreja Católica que vendia ou doava móveis usados. Depois que estavam na sua casa ganhavam uma nova cor e novas combinações. A casa não tinha eletrodomésticos. Por um período teve uma geladeira, recebida da paróquia local, mas Irene a vendeu em um dos momentos em que cortaram sua luz. De qualquer forma, a geladeira era muito antiga e o consumo de energia ficava muito alto. A ausência de geladeira fazia com que ela pudesse cozinhar apenas o necessário para um dia. Com a falta de geladeira lidava bem, contudo, diferente era a falta de gás, que a obrigava a improvisar fogão no pátio de casa, algo que, além de lhe expor em relação aos vizinhos era muito difícil nas épocas de chuva no inverno.

Dentre os móveis havia uma pequena estante de madeira pintada de azul. Nela estavam guardados os livros da filha e os seus próprios cadernos. Irene tinha retomado o ensino médio fazia pouco tempo. Perguntei como estavam as aulas, ela me diz: “Tem umas coisas que vai, e outras difíceis. Tirei uma bomba esses dias na aula. É difícil ir bem quando tu não consegue parar de pensar nos problemas que tu tem. Mas vai indo...”. Era muito desejosa de continuar estudando, queria passar em algum concurso público para cargos de nível médio, estava sempre informada sobre

¹² As fotografias, para Peirce (1983) são ícones. São, portanto, signos que estão imbricadas com seu objeto.

datas, concursos e salários.

Retirou um livro da estante. Era um livro de poesia lançado por um projeto da Igreja Católica do Loteamento. No livro Irene publicou uma de suas poesias. Até visitar sua casa eu não sabia que ela escrevia. Sabendo da minha pesquisa sobre o Fome Zero, me mostrou um poema que escreveu sobre o Programa¹³. Irene tinha muito orgulho destas suas atividades de escritora, do fato de a filha nunca ter reprovado de ano na escola, dos cursos que tinha feito – e comprovava me mostrando os certificados de camareira e manicure. Semelhante aos certificados, outros papéis 'importantes', como documentos de programas governamentais e encaminhamentos de busca de emprego, eram guardados na estante azul.

Sobre a estante, em posição de destaque, estavam duas garrafas e duas taças de vinho: *“Eu não saio, não bebo, não fumo. Tem só estes dois vinhos aqui, mas não é pra eu beber, é pra quando vier alguém”*. Naquele momento Irene não me explicou quem seria o *“alguém”*, mas, presumi que fosse o pai de Amanda. Olhei para as duas taças cruzadas na frente do vinho, dispostas como se fosse um objeto de enfeite. A casa abrigava as pessoas importantes da sua vida e de seu passado – materializadas nas fotografias – mas, também, guardava planos para um futuro esperado: a casa também era mantida bem cuidada porque esperava *alguém*. Não sei se porque eu sabia que havia muitos anos que Irene não via o pai de Amanda, mas aquela 'espera', pra mim, era uma espera triste. Irene me entendeu e repetiu um dos seus bordões: *“... quando tu perde a esperança tu não vai ter nada...”*. Meu constrangimento foi interrompido por sua indignação em relação ao desaparecimento do pai de Amanda, ela teria que procurá-lo a partir de uma delegacia de polícia, como já tinha feito antes: *“... ele tem que vir, precisa me retribuir, afinal eu dei tudo pra Amanda. Uma moradia, o que ele nunca deu”*. Foi ela que, depois de *“tudo o que tinha passado”* - como sempre me dizia -, *deu uma moradia* para Amanda. Isto também fazia aquela casa sagrada.

Irene

Para entender a casa de Irene é importante saber sobre sua história de vida. Nascida no interior do estado do Rio Grande do Sul, ela teve nove irmãos, foi 'criada' pela irmã mais velha, porque sua mãe falecera logo depois de seu parto. Ainda no interior, Irene foi morar em um abrigo para crianças junto com alguns de seus irmãos. Pouco antes dos dezoito anos, mudou-se e foi trabalhar na cidade de Osório (região norte do estado, próxima ao litoral). Foi em Osório que conheceu um caminhoneiro, de quem se tornou muito amiga e por quem se apaixonou. Ele era um homem casado e eles nunca chegaram a morar juntos. Apenas depois de voltar para Porto Alegre foi que Irene se descobriu grávida dele. Contando sobre todas essas mudanças, e tentando, junto comigo, lembrar das cidades onde já tinha trabalhado, Irene me dizia *“Eu já rodei por tudo. Depois eu voltei pra Gravataí onde estavam meus irmãos e meu pai. Meu pai ficou doente e morreu, eu voltei pra o interior.*

¹³ A poesia está em anexo.

Daí eu me desentendi com meus irmãos, mas eu sempre estava trabalhando, sempre fui doméstica”.

As mudanças continuaram e envolveram pessoas da família do pai de Amanda, como a avó da filha, onde Irene procurou ajuda por algum tempo. Depois disso, Irene guardou algum dinheiro e foi com a filha para a casa de uma de suas irmãs que residia no estado vizinho, na cidade de São José. Na narrativa de Irene ficam evidentes as dificuldades passadas, mas também aparecem aventuras e histórias que conta com satisfação. Quando chegou a Florianópolis, ligou para a irmã com a intenção de chegar a São José: *“Cheguei lá e liguei pra minha irmã, ela disse: ‘pega o ônibus tal’. Eu fui, mas eu não tinha mais dinheiro, então eu pedi pro motorista e ele me levou do mesmo jeito. Passei toda aquela passarela caminhando com a Amanda, foi muita aventura”.* Diante da impossibilidade de residir na casa da irmã, Irene foi para a Casa de Passagem da Prefeitura de Florianópolis, até conseguir as passagens para voltar para Porto Alegre.

No retorno ao Rio Grande do Sul, Irene ficou sem casa e me disse que teve que dormir na rua. Deste período de sua vida restava a cortina colorida de tampinhas de refrigerante na janela: *“É da época que eu era catadora”.* Este período ela considerava especialmente difícil e saiu dele quando foi morar em um abrigo do governo municipal para moradores de rua. Do período no abrigo restara uma foto preto e branca presa na parede perto das outras fotos. Elogio a foto que era centrada em Irene, de pé, usando um vestido claro: *“Foi um enfermeiro de lá que tirou. Eu era a musa do abrigo”* – disse abrindo o sorriso.

Foi no período de residência no abrigo que ingressou em alguns programas governamentais e em cursos profissionalizantes, cujos certificados estavam na estante azul. Os moradores do abrigo participavam das reuniões do Orçamento Participativo¹⁴ e foi numa delas que Irene soube da lista para espera de casas no Loteamento. Ela se inscreveu e, algum tempo depois, foi 'contemplada' com uma das casas do Loteamento Monte Verde II. Irene – e também sua casa – diziam que ela tinha passado *“por tudo isso”* antes de chegar ao Loteamento, depois de *“rodar por tudo”.* Também por isso aquela casa era sagrada. Ela comportava a história de vida de Irene.

As falas de Irene rememoravam um passado, sendo trazidas, por indexação (CRAPANZANO, 1992) para o presente vivido naquele momento. Sua história de vida aparecia como uma encarnação ativa (DANIEL, 1996), se tornando material para elaborações, justificações e explicações para as suas concepções de vida. O passado estava presentificado e era retomado para pensar suas experiências atuais, assim como era a partir destas experiências que imaginava o futuro para sua vida e para sua filha. Desta forma, seu passado funciona como um Terceiro, garantidor de sentido (na perspectiva de CRAPANZANO, 1992). É a história de vida (presente nos objetos e nas falas de Irene), conhecida pelo ingresso em sua casa, que

¹⁴ Orçamento Participativo é uma política de consulta sobre os investimentos em obras públicas nas diferentes regiões da cidade.

constituía a própria Irene (e a mim mesma), a partir daquele encontro¹⁵.

Irene sempre dizia que o cuidado com a aparência da casa – especialmente com sua aparência externa e com o pátio, pretendia mostrar que a casa estava ocupada, *“porque se parece abandonado alguém pode querer ocupar”*. Quando recebera a casa, por intermédio da espera na lista do Departamento Municipal de Habitação, ela estava ocupada (*“invadida”*) por uma família. Em diversos loteamentos populares da cidade de Porto Alegre existem movimentos de ocupação que são não oficiais, ou seja, são pessoas que vão morar nas casas construídas pelo poder público antes de sua distribuição 'oficial'. No Loteamento Monte Verde aconteceu a mesma coisa e, assim que a Prefeitura distribuiu as casas para aqueles que esperavam nas listas, os primeiros ocupantes foram expulsos do espaço.

Assim aconteceu com as pessoas que ocupavam a casa destinada a Irene. No dia da saída dos *“invasores”*, Irene não se sentiu bem: *“A Elza é que era pra ter chamado a ambulância, porque eu estava com um ataque de nervos, mas ela se confundiu e chamou a polícia. Tive que ir no camburão da polícia mesmo pro hospital”*. O tom de desagrado da frase era evidente. De uma pessoa que ocupava sua casa legalmente e com aval do Estado, Irene saía dentro do carro de polícia, na posição de quem estava descumprindo a lei.

As pessoas que já residiam na casa se indignaram com a necessidade de sua saída e neste movimento *“jogaram pedras”* contra a casa, quebrando o vidro da pequena janela do banheiro. A janela nunca pode ser trocada e o vidro quebrado, funcionando como índice (PEIRCE, 1983), trazia consigo as lembranças da conturbada chegada de Irene e Amanda ao Loteamento. Estes momentos de dificuldade eram encontrados nas narrativas de outros moradores do Loteamento como configurando o momento de sua chegada ao local. Estas narrativas apontam, como indicarei abaixo, para o Monte Verde ainda sem infra-estrutura, o inverno e as chuvas, os confrontos com armas de fogo. A retirada dos primeiros ocupantes era o evento mais temeroso da história da chegada e como fantasma, pairava sobre as experiências de Irene.

Até aqui tentei mostrar que a arrumação, o cuidado, as *“pequenas revoluções”*, visíveis quando se ingressa na casa de Irene têm a ver com a valorização de suas relações familiares (ainda que distantes) e com seus desejos para o futuro, ou seja, com a 'esperança' que, segundo ela, possibilitava que a vida acontecesse. Mas, a forma com que a casa se apresentava também se relaciona com o passado de Irene, com sua história de vida que a conduziu à moradia no Loteamento Monte Verde. Por isso, torna-se interessante pensar a casa naquele espaço físico, e assim, pensar a constituição do Loteamento.

¹⁵ Segundo Crapanzano: *“Insofar as the self is an arrested moment in a continuous dialectical movement, and insofar as such arrested moments depend upon language, the constitution of “self” requires a guarantor of meaning, or at least of the conventions of meaning, a Third, that permits, within limits, the play of desire”* (CRAPANZANO, 1992, p. 93).

Parte II - “Paraíso”

As narrativas dos moradores sobre o “*tempo de chegada*” ao Loteamento Monte Verde eram marcadas pelo sofrimento e abandono sentidos naquele momento. Nestas falas apareciam principalmente menções às chuvas, ao inverno, à falta de acompanhamento do governo municipal, à ausência de redes de saneamento e energia elétrica, ao uso de tanques e banheiros coletivos, aos conflitos e à existência de criminalidade. Apesar da recorrência destas narrativas, diversos moradores afirmavam que a situação estava mais próspera do que nos primeiros tempos no Loteamento. Remetiam isto à melhora nas condições de infraestrutura local, principalmente à pavimentação, mas também aos esforços das pessoas que melhoravam suas casas, ao aumento das redes de sociabilidade e, principalmente, à diminuição da violência - visto que as narrativas da “*chegada*” tinham como elemento básico os tiroteios e as expulsões das casas recém liberadas (como no caso de Irene). O momento conceituava o Loteamento – em relação a este passado – como um “*paraíso*”.

Para o restante da cidade de Porto Alegre o Loteamento Monte Verde era pouco conhecido, afinal, não era um espaço de trânsito ou de passagem a outro bairro. Além de ser um espaço constituído como ‘perigoso’ na cidade, outros índices estatísticos configuravam a área na qual o Loteamento Monte Verde se localizava enquanto um espaço de “*exclusão*”¹⁶. Em Porto Alegre, a cidade está distribuída em 16 regiões, de acordo com o Orçamento Participativo. O Loteamento Monte Verde está localizado na região nordeste do Orçamento Participativo (ROP 06). Tal região corresponde a apenas um bairro da cidade, o Bairro Mário Quintana, que possui 28.518 habitantes, representando 2,10% da população do município¹⁷. O Bairro é marcado pela presença dos loteamentos populares formados a partir do governo municipal. Neste sentido, 19% deste território ainda pertencem ao Departamento Municipal de Habitação. Além dos loteamentos ‘oficiais’, o bairro ainda conta com 25 assentamentos em situação de ‘irregularidade fundiária’¹⁸.

Segundo dados do “Mapa da Inclusão e Exclusão de Porto Alegre”, a ROP 06 é parte das regiões que comportam os mais altos índices de vulnerabilidade social¹⁹ e também a quase inexistência de desigualdade de renda (PORTO

¹⁶ O termo “*exclusão*” é utilizado nos documentos pesquisados da Prefeitura (PORTO ALEGRE, 2004).

¹⁷ Segundo site da Prefeitura Municipal (www.portoalegre.rs.gov.br), disponível em 08 de agosto de 2007.

¹⁸ Dados do Mapa da Inclusão e Exclusão de Porto Alegre (PORTO ALEGRE, 2004, p. 40-41).

¹⁹ Para construir o indicador “*vulnerabilidade social*” no Mapa da Inclusão e Exclusão Social de Porto Alegre (2004) foram cruzadas as dimensões: renda, educação, longevidade, vulnerabilidade infanto-juvenil, habitação e desenvolvimento infantil (PORTO ALEGRE, 2004, p. 10-11).

ALEGRE, 2004, p. 46), sendo que a renda mensal dos responsáveis por domicílio era de cerca de 2,6 salários mínimos (ano de 2000). Além disso, em 2004, 8,4% dos chefes de família eram analfabetos e 74,4% destes não haviam concluído o ensino fundamental (PORTO ALEGRE, 2004, p. 44). Para formar ainda o quadro dos índices 'negativos' associados ao espaço, coadunando com o que era apontado por meus conhecidos externos àquele local, a violência era outro problema que afetava a região do bairro Mário Quintana, atingindo especialmente os jovens do sexo masculino entre os 15 e 24 anos. A taxa de homicídios das ROP Nordeste estava acima da média da cidade de Porto Alegre, nela a probabilidade da morte violenta era de 4,6 por 10 mil habitantes (PORTO ALEGRE, 2004, p. 43).

Quando visto por um olhar exterior, o Monte Verde, facilmente poderia ser caracterizado como um espaço marcado pela ausência do Estado. Contudo, era um lugar construído por ele próprio e conjugava, em determinados momentos, intensas iniciativas de partidos políticos. O Partido dos Trabalhadores, que construiu o Loteamento, investiu em diferentes iniciativas no local. Como apontei no início do texto, foi assim que o espaço recebeu o primeiro núcleo do Programa Fome Zero da cidade, no ano de 2003. Sugiro que a escolha do Loteamento Monte Verde não foi aleatória, aconteceu de maneira paralela à constituição daquele espaço como um lugar onde acontecia a participação popular (característica associada à cidade, que era conhecida como "capital da cidadania" durante os governos petistas).

O Núcleo Monte Verde do Programa Fome Zero tinha 16 grupos e entidades apoiadoras e parceiras (a maioria delas localizadas no próprio Loteamento) ou serviços governamentais lá localizados²⁰. Contudo, as coordenadoras do Núcleo Monte Verde eram moradoras do próprio Loteamento. Elas tinham ingressado de diferentes formas nas atividades do Fome Zero: algumas foram convidadas porque eram lideranças da Igreja Católica, outras porque eram beneficiárias do Programa. Apesar das variadas formas de ingresso nas atividades, o que costumava ser recorrente nas suas falas era como sua participação no Núcleo as ajudou quando estavam 'se acostumando' a morar no Loteamento.

Por exemplo, muitas das coordenadoras não se conheciam antes de 'entrarem' para o Fome Zero. O Núcleo funcionou como um lugar importante para o estabelecimento de laços de amizade, conhecimento e relacionamento (nem sempre amigável) entre as interlocutoras. Como contrapartida à dificuldade da situação inicial da vivência no Loteamento, o Núcleo aparecia como um elemento que criava redes entre pessoas e instituições daquele espaço. Irene deixava isto claro em suas falas: "*Hoje eu gosto daqui. Depois que eu entrei no Fome Zero tudo melhorou. Tu sabes né, é quando tu começa a viver socialmente, tu te sentes menos sozinha*". A participação no Núcleo também permitia que Irene classificasse aquele espaço como "*um paraíso*". Apesar das dificuldades iniciais, ela sempre repetia que as coisas estavam muito melhores. Nesta perspectiva, a coordenação do Núcleo era reconhecida como um elemento positivo relacionado à moradia no Loteamento Monte Verde. Sugiro que é na associação entre Loteamento/Núcleo que se

²⁰ In: Projeto Comitê Regional Fome Zero (2003).

construiu, para as coordenadoras, uma das possibilidades de pertencimento ao local, paralelamente à construção de um espaço de 'participação política'. Neste sentido, morar e 'participar' eram dois processos associados.

A conjugação destes dois processos - inicialmente o processo (violento) da chegada ao Loteamento, e posteriormente os equipamentos públicos e a possibilidade de participar de redes e grupos - faziam o Loteamento transitar entre o sofrimento da chegada e o atual "paraíso". As pequenas "revoluções" que Irene fazia na sua casa apontavam para as melhorias na infra-estrutura do próprio Loteamento Monte Verde, para a construção das redes de socialidade e para as possibilidades de fazer daquele espaço um local onde se desejasse morar.

Doméstico e político

Quando eu conheci Irene e as outras mulheres do Loteamento Monte Verde, a partir do acompanhamento do trabalho das mesmas no Núcleo do Fome Zero, eu estava lendo determinada bibliografia sobre famílias em grupos populares, sobre o envolvimento político de mulheres com manifestações de bairro e programas de governo. Esse recorte era possível porque eu estava interessada nas suas trajetórias e no seu engajamento com o Programa Fome Zero. Como o Núcleo do qual Irene e outras mulheres participavam era no próprio Loteamento (onde elas mesmas residiam, juntamente com suas famílias) a própria constituição do Loteamento e da organização social naquele espaço estavam implicados na minha pesquisa. Portanto, discussões envolvendo casa, família e envolvimento político estavam relacionadas entre si. Contudo, não apenas nesta minha pesquisa estava colocada esta relação. Estes dois temas (família e envolvimento político de mulheres nos seus locais de moradia) têm sido relacionados, até o momento, em diferentes abordagens e pesquisas de campo.

As ciências sociais no Brasil têm se dedicado, com perspectivas variadas dependendo do momento histórico no qual se fazem, ao estudo da pobreza e dos grupos que residem nas chamadas 'periferias urbanas'. Na antropologia brasileira, a partir do final dos anos setenta, alguns estudos sobre grupos populares, classes populares, ou 'pobres' têm realizado pesquisas sobre este tema focando como unidade de análise a família (CALDEIRA, 1984, 1987; WOORTMAN, 1986; SARTI, 1996; DUARTE, 1986; FONSECA, 1995, 2004, entre outros).

É fato que os trabalhos com este foco têm abordagens diferentes entre si, mas alguns traços desta bibliografia se encontram. Fazendo uma relação entre estas obras - e sabendo do perigo de uniformizar traços talvez não tão coincidentes - é possível notar algumas recorrências. Cada uma ao seu modo, estas obras destacam a importância das redes familiares na chegada dos novos membros, nas estratégias financeiras e de busca de emprego. De fato, autores falando sobre família em grupos populares destacam que esta se configura, menos enquanto núcleo familiar, mas antes enquanto rede, como uma "trama de obrigações morais" (SARTI, 1996, p. 49). Nestas famílias que se configuram como extensas, os laços de consanguinidade seriam muito fortes: "... a rede consanguínea que exige constante demonstração de solidariedade, muitas vezes em detrimento dos laços conjugais. O 'sangue puxa', laços de sangue - imediatos, imutáveis - têm precedência sobre

relacionamentos contratuais, como o casamento” (FONSECA, 1995, p. 39).

Na bibliografia sobre grupos populares é recorrente que a figura dos homens seja associada ao provimento do sustento da casa, revelando a figura do homem provedor (ZALUAR, 1985; SARTI, 1996, entre outros). Tal figura, contudo, guarda uma ambiguidade que estaria relacionada com a instabilidade em corresponder com o papel de provedor, devido às condições impostas da desigualdade social brasileira. O interessante na figura do provedor é sua força, apesar de sua realização plena ser rara e um tanto dotada de idealismo (FONSECA, 1995; BRITES, 2000) ²¹.

Outro traço recorrente desta bibliografia tratava de enfatizar a divisão de papéis entre homem e mulher, seguindo a divisão entre o espaço doméstico e o espaço da rua (SARTI, 1996). Contudo, a mesma bibliografia, adverte que estas posições não são completamente estáveis, mas variam de acordo com os momentos da vida das pessoas, em especial pelas condições de vida nestes momentos (condições econômicas, geracionais etc.). Jurema Brites, em pesquisa com empregadas domésticas na cidade de Vitória (ES), sugeriu ainda que a idéia de complementaridade hierárquica extrapola a relação homem/mulher²² e configurava o espaço do bairro onde residiam as mulheres com as quais a autora dialogava (BRITES, 2000).

Contudo, tais pesquisas têm o cuidado em nos precaver em relação a uma interpretação que tende a anular a posição feminina nestas relações, demonstrando que, embora haja reforço das hierarquias de gênero (JARDIM, 1998) ²³, as mulheres possuem espaço para “agência” (ORTNER, 1996), não correspondendo apaticamente a uma dominação masculina (FONSECA, 2004; BRITES, 2000). Por exemplo, “ter um homem dentro de casa”, como se diria no Loteamento Monte Verde, era um elemento importante para estabelecer “respeito” dos outros moradores. Todavia, estando diante de uma hierarquia não absoluta, os homens no Loteamento não estavam livres das frequentes críticas das suas esposas, mais comuns diante de situação de desemprego ou ausência de trabalho. Os

²¹ Brites acrescenta: “o sustento que as mulheres costumam exigir de seus homens, para além da atitude pragmática, é a forma legítima encontrada por elas para garantirem outra dimensão fundamental da relação: o afeto e a fidelidade do marido” (BRITES, 2000, p. 160).

²² Claudia Fonseca aponta para uma hierarquia entre os moradores da Vila do Cachorro Sentado, em Porto Alegre. A autora percebe que os homens “fortes”, que “têm a possibilidade de impor sua vontade aos outros” ocupam posição privilegiada, enquanto os pacíficos, os homens velhos e os jovens estavam em posição inferior em tal hierarquia, assim como as mulheres. “Veremos, no entanto, que essa ordem política não se impõe de forma mecânica...” (FONSECA, 2004, p. 25; ainda em BRITES, 2000).

²³ Os trabalhos de Jardim (1998) e Brites (2000) são etnografias realizadas durante a década de noventa, envolvendo grupos populares. Marta Jardim estava interessada na idéia de trabalho em uma ‘vila’ da cidade de Porto Alegre (RS), enquanto Jurema Brites, como apontei no texto acima, analisou a relação entre patroas e empregadas domésticas em Vitória (ES).

momentos de desemprego dos homens eram normalmente compensados pela saída das mulheres para o mercado de trabalho (BRITES, 2000; SARTI, 1996). Para as coordenadoras do Núcleo do Fome Zero, havia elementos muito positivos no trabalho remunerado, entre eles indicavam, especialmente, o aprendizado da convivência com outras pessoas (tinha a ver com a possibilidade de “*conhecer outras pessoas*” e “*aprender coisas novas*” (CALDEIRA, 1987)). Contudo, consideravam que poder cuidar dos seus filhos e de suas casas era mais importante e, por isso, frequentemente retornavam ao trabalho doméstico quando seus maridos conseguiam novamente um emprego.

Além disso, as obras aqui referidas destacam o papel da maternidade entre as mulheres pobres como o marco de ingresso na vida adulta e como traço fundamental da constituição da identidade feminina (ALMEIDA, 2002, ZALUAR, 1985; SARTI, 1996). Como afirma Cynthia Sarti, pesquisando a idéia de família no Jardim das Camélias na cidade de São Paulo no início da década de noventa, “A autoridade feminina vincula-se à valorização da mãe, num universo em que a maternidade faz da mulher, mulher, tornando-a reconhecida como tal, senão ela será uma potencialidade, algo que não se completou” (SARTI, 1996, p. 43).

A importância da maternidade aparece ainda em algumas pesquisas sobre a participação feminina em movimentos de bairro e reivindicações políticas. Nos anos oitenta, com o processo de democratização no Brasil, o envolvimento dos moradores de áreas tidas como periféricas nas grandes cidades, incitava pesquisas sobre o que Caldeira (1987) chamou de nova efervescência política. Pensando sobre a participação política das mulheres nestes movimentos, a autora afirma que o status de mãe era o argumento mais enfatizado em sua participação nas reivindicações. Neste mesmo sentido, a importância do cuidado dos filhos e da família era um argumento frequentemente empregado também pelas coordenadoras do Núcleo do Fome Zero do Loteamento Monte Verde. Ser mãe – cuidar do bem dos filhos e da família – era a justificativa nas lutas, nas disputas de poder na relação conjugal e também na relação comunitária nos grupos populares (FONSECA, 1995; CALDEIRA, 1987; BARBIERI e OLIVEIRA, 1986).

As obras aqui referidas contribuíram para que não se estigmatizasse muitas das práticas dos grupos populares (classes populares, trabalhadoras etc.) que viviam em bairros ‘pobres’ nas maiores cidades do país. Ao chamarem atenção para lógicas de organização das experiências de vida diferenciadas dentro do espaço das cidades, elas permitem ingressar em um universo que não é distante – porque se relaciona com o restante da cidade de diversas formas – mas que, quando lido de forma exterior, permite diversas interpretações superficiais.

Desta bibliografia que cito, encontrava um bom diálogo com as experiências familiares e de engajamento político das mulheres do Monte Verde. Olhando-as eu encontrava a valorização da família consanguínea, da maternidade, do provimento masculino. Mas, ao mesmo tempo, algumas situações chamavam minha atenção – não para a impossibilidade das generalizações mais amplas – mas, para as sutilezas que dão sentido à vida dos sujeitos. Irene, sua história de vida e sua casa (que constituía essa mesma história) dialogavam com estas outras pesquisas, mas, lembram que não há um encaixe perfeito entre os conceitos. Se existe, na antropologia, uma relação particular entre teoria e os dados de campo

(PEIRANO, 1995) é no sentido de deslocar a teoria e prática de lados estanques, mas, mostrar que são interligadas, criando a possibilidade de “brincar” com as categorias e não meramente encaixar os dados em conceitos.

Marilyn Strathern, em “O Gênero da Dádiva” (2006) critica o desejo de determinada antropologia em forçar o encaixe das experiências vistas em campo em categorias teóricas criadas pelos próprios antropólogos (uma crítica que está em outras obras da disciplina, como em LEACH, 1996). Falando especialmente dos trabalhos feitos na Melanésia e na África, a autora mostra como o conceito de sociedade poderia ser criticado sob este ponto de vista do encaixe nas categorias. Pensando que os conceitos têm gênero, a autora demonstra como o encaixe dos dados no conceito pré-estabelecido de sociedade criou a distinção entre doméstico/feminino e público/masculino. Assim, a vida política seria parte do mundo masculino e não do universo feminino. Trabalhos em antropologia, sociologia e dos estudos feministas questionaram esta divisão. A partir da pesquisa de campo com mulheres como Irene é possível ver que existe uma relação muito próxima entre aquilo que seria considerado um papel tradicional das mulheres, como a maternidade, e a participação política. Estes elementos mostravam que a distinção entre mulher/doméstico e homem/público, não explicava as experiências que eu encontrava.

Somando a isso, Irene mostrava uma relação entre a casa e a participação política e, especialmente, uma relação entre o investimento na beleza de sua casa (as pequenas revoluções) e seu engajamento político. E desta forma, Irene me precavia diante de algumas generalizações que eu poderia tomar como 'fáceis' em campo. Ela mostrava outras possibilidades de pensar a experiência dos grupos populares, moradores de áreas construídas pelo Estado. Irene questionava, a partir daí, a bibliografia que eu lia. Mas, isso não indica nada de errado nesta bibliografia, nem mesmo nas experiências de outras mulheres do Loteamento que vivem de forma diferente da de Irene. Antes, Irene colocava à frente do meu olhar aquilo que aparentemente todos sabemos: que os 'modelos' familiares e as motivações para participação política são múltiplos e subjetivos.

Apesar da importância da casa, quando Irene falava em dificuldades financeiras ou na possibilidade de momentos de incerteza, a venda ou a troca da mesma era ponto de partida de um novo começo. Casas no Loteamento eram valorizadas porque estavam em um espaço onde não podiam acontecer novas remoções (eram 'regularizadas'). Quando eram colocadas à venda, os moradores prendiam placas nas cercas e nas janelas, indicando o preço da casa. Normalmente eram compradas por pessoas que já tinham parentes no Loteamento e queriam morar próximos dos mesmos. As trocas entre casas também aconteciam, especialmente quando um bairro novo aparentasse melhores condições de busca de emprego. Para Irene a venda da casa era tida como uma última alternativa. Ela tinha aprendido a gostar de sua casa e de morar no Loteamento. Implicado nisto estava sua participação no Núcleo do Fome Zero. E aí entendo que a casa (Irene e sua história de vida) se encontra com seus envolvimentos políticos. A experiência de viver no Loteamento (e de ter tornado aquele espaço um espaço onde se viver) me falava sobre Irene, família e política.

Escrever sobre Irene

A casa de Irene era sagrada. Era uma casa que não poderia parecer abandonada, uma casa que esperava a chegada de alguém, uma moradia que ela tinha dado à filha, um lugar para guardar a família, um descanso nas idas e vindas, a certeza de não recomeçar sem nada novamente. Neste sentido, a casa, ela mesma, era um índice da história de vida de Irene.

Contar sobre Irene não é uma escrita fácil. As relações que a visita a sua casa engendra evocam “encarnações ativas de uma genealogia de relações de poder” (DANIEL, 1996, p. 75)²⁴. Talvez por isto eu saísse sempre carregada e com sentimento de impotência da visita à casa de Irene. Ela colocava os limites do meu olhar e das opções de escrita. Como não reduzir sua experiência às dificuldades materiais – se assim fosse a casa de Irene não teria flores, nem revoluções – como não menosprezar as situações de privação e as tristezas das suas falas?²⁵

Com a escrita, tento operar o que a retórica da fala dos moradores do Loteamento – e de Irene (na sua fala, nos signos visíveis de sua casa) – já operava. Um deslizar entre o medo da chegada e o então “paraíso”; entre o irmão desaparecido e aquele que visita; entre o presente de aniversário e a ausência de gás; entre catar lixo e decorar a casa com o colorido dele. “*Antes tudo era pior*” era uma constante nas falas no Loteamento. “*Agora tudo está melhor*” – repetia-se, de maneira redundante. Agora se vivia em um “paraíso” muito diferente daquele para onde as pessoas foram removidas ou onde enfrentaram situações violentas ligadas à posse das casas e ao tráfico de drogas.

A necessidade de fazer o deslize entre uma situação ruim/uma privação para uma melhora/uma futura possibilidade de melhora, opera, para mim, como o investimento na beleza das casas. Neste sentido, as falas sobre as melhorias no Loteamento são atos performativos²⁶ (AUSTIN, 1975). Estas falas não podem ser analisadas em termos de verdade ou falsidade. Elas intentam produzir – e produzem - aquilo que afirmam. Elas operam, como diria Tambiah (1985), tanto em relação à prática como em relação a resultados sociais eficazes²⁷. São eficazes na medida em que realizadas por pessoas que compartilham situações sociais semelhantes (SILVERSTEIN, 1997).

²⁴ A escrita, parafraseando Daniel (1996) opera no âmbito das terceiridades. Os procedimentos de escrita, nesse âmbito buscam criar convenções abstratas. Para o autor, a escrita acaba por tornar fixo um universo contingente.

²⁵ Assim como Daniel (1996), com o texto, não era meu desejo realizar uma pornografia da pobreza – nem por intermédio das ausências, nem pelo enfoque nas positivities da mesma. Almejei, na escrita do texto, falar sobre os signos envolvidos nas condições e experiências de vida das pessoas onde realizei trabalho de campo.

²⁶ Um ato performativo, segundo Austin (1975), torna uma declaração não apenas uma fala, mas uma ação, no sentido de que, falar algo é também fazer algo.

²⁷ Afirma o autor que “Thus, through ritual man imposes meaning on the world, anticipates the future, retrospectively “rationalizes” the past, and effects results” (TAMBLIAH, 1985, p. 84).

Deixando a casa de Irene – considerações finais

Quando estava começando a me despedir de Irene, ela me convidou pra ver a horta que estava cultivando atrás da casa. No caminho passamos pelos restos do fogo feito no chão para cozinhar. Nos fundos do terreno se podia ver os pés de abóbora, alface e mostarda que estava plantando. Dizia ter afinidade com a terra porque toda sua família trabalhava com isso quando ela era criança, ela tinha aprendido a plantar com o pai. Lamenta não poder investir mais na horta, tem coisas que *“uma mulher sozinha”* não dá conta de fazer.

Naquele espaço ainda se destacavam quatro fundamentos de uma nova casa, nunca levada a diante. Eram fundamentos para casa de uma das irmãs de Irene. Viriam morar nela a irmã, o cunhado e os filhos. Mas, contando dos planos frustrados, Irene me disse: *“Ela (a irmã) é muito pessimista, não tem esperança. Não ia dar certo então mandei desmanchar”*. Afirmou que a irmã estava com depressão em virtude de alguns problemas de saúde, e residia com a família em uma casa de passagem da Prefeitura, em outro bairro de Porto Alegre.

De volta ao pátio da frente da casa, me despedi. Irene pediu desculpas novamente *“por não ter nada pra oferecer”*. A redundância na minha resposta: *“Imagina Irene, não tem nenhum problema. Eu é que agradeço o convite pra entrar”*. Ela brincou que dessa vez encheu meu bloco de anotações. Perguntou se eu queria um copo de água. Aceitei e esperei na porta da casa. Ela foi até a estante azul e pegou uma das taças que estavam com as garrafas de vinho, passou uma água e me serviu. Por um instante se desmanchava o objeto enfeito. Irene transformava o *não ter nada pra oferecer* em seu inverso. Eis porque se torna tão difícil escrever sobre Irene e, acredito, sobre outras experiências em 'bairros populares' onde existem formas de fazer existir pequenas revoluções e paraísos.

Bibliografia

- AHLERT, Martina. *Mulheres de Monte Verde*. Etnografia, subalternidade e política na relação de um grupo popular de Porto Alegre e o Programa Fome Zero. Dissertação (mestrado). PPGAS. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.
- AMORIM, Luciano. *A gente não quer só comida. A gente quer a vida como a vida quer*. 2005. Trabalho de Conclusão (Especialização). Curso de Especialização em Direitos Humanos, Complexo de Ensino Superior de Santa Catarina – CESUSC, Passo Fundo, 2005.
- ALMEIDA, Paula Camboim Silva. Gravidez na adolescência em grupos populares urbanos: concepções de idade e maternidade. In: ALMEIDA, Heloísa. COSTA, Rosely. RAMIREZ, Martha. SOUZA, Erica (orgs.). *Gênero em matizes*. Bragança Paulista: Editora da Universidade de São Francisco, 2002. p. 177-212.
- AUSTIN, J.L. *How to Do Things with Words*. Harvard Univ. Press., 1975.

- BARBIERI, Teresita de. OLIVEIRA, Orlandina de. Nuevos sujetos sociales: la presencia política de las mujeres en América Latina. *Nueva Antropología*, México, v. VIII, n. 30, pp. 05-29, 1986.
- BONETTI, Alinne de Lima. *Entre feministas e mulheristas*. Uma etnografia sobre promotoras legais populares. 2000. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Curso de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.
- BORGES, Antonádia. *Tempo de Brasília*. Etnografando lugares-evento da política. Rio de Janeiro: Relume Dumará/ NuaP, 2003. p. 194.
- BRITES, Jurema. *Afeto, desigualdade e rebeldia*: bastidores do serviço doméstico. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Curso de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.
- CALDEIRA, Teresa. *A política dos outros*: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- _____. Mujeres, cotidianidad y política. In: JELIN, Elisabeth. (comp.) *Ciudadanía e identidad*: Las mujeres en los movimientos sociales latino-americanos. Ginebra: Instituto de Investigaciones de las Naciones Unidas para el Desarrollo Social, 1987. pp. 75-125.
- COUTO, Mía. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CRAPANZANO, Vincent. Preface; Introduction. In: *Tuhami*. Portrait of a Moroccan. Chicago / Londres: University of Chicago Press. 1980. p. 03-23.
- _____. The self, the third, and desire. On self characterization. Text, transference and indexicality. In: *Hermes' Dilemma & Hamlet's Desire*. On the epistemology of interpretation. 1992. pp. 70-90; 91-112; 115-135;
- _____. Kevin: on the transfer of emotions. *American Anthropologist*, vol. 96, n. 4: 866-885. 1994.
- DANIEL, Valentine. Violent measures. In: *Charred Lullabies*. Princeton, NJ: Princeton University Press. 1996. pp. 73-103.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. *Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas*. Rio de Janeiro: CNPq/ Zahar, 1986.
- FONSECA, Claudia. *Caminhos da adoção*. São Paulo: Cortez, 1995.
- _____. *Família, Fofoca e honra*: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- JARDIM, Marta. *Negociando fronteiras*: uma etnografia sobre trabalho, mendicância e criminalidade na Grande Porto Alegre. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). PPGAS. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1998.
- LEACH, Edmund. *Sistemas Políticos da Alta Birmânia*. São Paulo: EDUSP, 1996.
- MALINOWSKI, Bronislaw. The problem of the meaning. In Ogden, C.K. & I.A. Richards (eds.) *The Meaning of Meaning*. 3ª ed. London: Kegan Paul. 1930.
- ONG CIDADE. *Estudo de caso*. Lutas em Porto Alegre: entre a revolução política e o transformismo. Porto Alegre, 2005.
- PEIRANO, Mariza. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.
- _____. *Rituais. Ontem e Hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- _____. "This horrible time of papers": documents and national values. *Série Antropologia*, n. 312. Brasília, 2002.

- PEIRCE, Charles. The principles of phenomenology; How to Make our ideas clear. In *Philosophical Writings of Peirce*. NY: Dover Publications, 1995. pp. 23-41; 98-119.
- PEIRCE, Charles S. *Escritos coligidos*. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. 276 p. (Os pensadores)
- PEIRCE, Charles S. Divisão dos Signos. In: *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1990. pp. 45-76.
- PORTO ALEGRE. *Mapas da inclusão e exclusão social de Porto Alegre*. Prefeitura Municipal. Gabinete do Prefeito. Secretaria do Planejamento Municipal. Porto Alegre, 2004.
- PROJETO FOME ZERO. Instituto de Cidadania, 3ª versão, 2002.
- SARTI, Cynthia Andersen. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. Campinas: Autores Associados, 1996.
- SILVERSTEIN, Michael. Language as part of culture. In: TAX, Sol. FREEMAN, Leslie (eds). *Horizons of anthropology*. Chicago: Aldine Publishing Company, 1997. pp. 119-131.
- SITAS, Ari. *Voices that reason: theoretical parables*. Pretoria: University of South Africa Press, 2002.
- STRATHERN, Marilyn. *O gênero da dádiva. Problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.
- TAMBIAH, Stanley. The magical power of words; Form and meaning of magical acts; A performative approach to ritual. In: *Culture, Thought and Social Action*. Harvard University Press, 1985. pp. 17-59; 60-86; 123-166.
- ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- WOORTMANN, Klaas. A Comida, a Família e a Construção do Gênero Feminino. *Revista de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 29, n.1, pp.103-30, 1986.

Anexo

Poesia de Irene sobre a horta comunitária do Programa Fome Zero

Horta Comunitária
Então como trabalhar! Vou chegando devagarinho
O sol já nasceu está vindo
Pego meu chapéu, meu lindo chapéu
Pego minha enxada e me coloco no trabalho
De mim e para com muitos
Em prol de um dia melhor em nossas vidas.
Então me pergunto:
É possível melhorar? Respondo: sim!
Mas como? De que maneira?
Dedicação, muito trabalho, muito...
Água nas verduras,
O segredo é a organização, distribuir tarefas
Acreditar que dias melhores virão, transformando-nos

O relicário de Irene

Em ação, divulgação, busca de onde e como podemos chegar
E do que nos pertence
A palavra chave é planejamento,
Fome Zero é a força que precisamos nas hortas comunitárias.